

AValiação DO PERFIL DOS CONSUMIDORES DE PLANTAS MEDICINAIS NA PANDEMIA DA COVID-19 E OS CUIDADOS COM A SAÚDE NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

EVALUATION OF CONSUMER PROFILE OF MEDICINAL PLANTS IN THE COVID-19 PANDEMIC AND HEALTH CARE IN SÃO PAULO STATE

Marina Maitto Caputo¹

Fernanda Cristina Pierre²

RESUMO

O presente trabalho visou realizar um diagnóstico sobre os consumidores de plantas medicinais no município de Botucatu, Estado de São Paulo, por meio de um questionário elaborado no *Google* Formulário, que foi aplicado a 251 pessoas abordadas por meio das redes sociais. De acordo com os resultados das entrevistas para a construção do perfil dos usuários de plantas medicinais, observou-se que a maior parte dos entrevistados é do sexo feminino e faixa etária de 31 a 40 anos e que a grande maioria apresenta renda mensal acima de cinco salários-mínimos. Quanto ao uso de plantas medicinais, cerca de 93% afirmaram consumir, destacando-se a hortelã, o alho, o gengibre e a camomila. Conclui-se que a forma mais comum de uso das plantas medicinais é em chá, seguido dos temperos e produtos estéticos e que os benefícios mais procurados são o auxílio na digestão, seguido do alívio nos sintomas de náuseas e enjoos, combate à ansiedade e depressão. Além disso, em função da Covid-19, parte dos entrevistados, que aumentou o consumo, buscou o fortalecimento do sistema imunológico, melhoria da qualidade do sono e diminuição da ansiedade.

Palavras-Chave: Coronavírus. Diagnóstico. Fitoterápicos. Produtos Terapêuticos,

ABSTRACT

This paper aimed to carry out a diagnosis of medicinal plant consumers in Botucatu, São Paulo state, through a questionnaire prepared in Google Form, which was applied to 251 people, through social networks. According to the results, it was observed that the majority of respondents are female and aged between 31 and 40 years and the majority has monthly income above 5 salaries minimum. Considering the use of medicinal plants, around 93% said they consume, especially mint, garlic, ginger and chamomile. The most common form of use of medicinal plants is in tea, followed by spices and aesthetic products and that the most sought after benefits are aid digestion, followed by relief in the symptoms of nausea and combating anxiety and depression. In addition, due to Covid-19, part of the respondents who increased their consumption sought to strengthen the immune system, improve sleep quality and reduce anxiety.

Key words: Coronaviruses. Diagnostics. Phytotherapeutics. Therapeutic Products

¹ Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo, ESALQ-Piracicaba

² Docente da Faculdade de Tecnologia de Botucatu-Fatec-Botucatu. Av. José Ítalo Bacchi, s/n - Jardim Aeroporto, Botucatu - SP, 18606-851. e-mail: fernanda.pierre@fatec.sp.gov.br

1. INTRODUÇÃO

A história do uso de plantas medicinais tem mostrado que elas fazem parte da evolução humana e foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados pelos povos antigos. A utilização das plantas medicinais pelo homem como forma terapêutica na Pré-História era utilizada por instinto. As antigas civilizações têm nas suas próprias referências históricas em torno das plantas medicinais e muito antes da escrita, o homem já utilizava as plantas ora como alimento ora com remédio. Nas suas experiências com ervas, houve muitos fracassos e sucessos. Muitas delas curavam, outras produziam efeito colaterais severos (DORTA, 1998; MARQUES, 2014).

O Brasil tem uma rica história de uso das plantas medicinais no tratamento dos problemas de saúde da população, uso este construído com base na experiência e transmitido de forma oral. A partir da segunda metade dos anos 1970 e durante a década 1980, verificou-se o crescimento das "medicinas alternativas" e, entre elas, a fitoterapia (TOMAZZONI *et al.*, 2006).

Alguns alimentos e especiarias são considerados plantas medicinais. Além de fontes de sabores diferenciados na culinária e na gastronomia, possuem propriedades fotoquímicas incontestáveis e benéficas para saúde humana (MARQUES, 2014).

Quase 95% da população brasileira depende de terapias tradicionais, ou seja, inserção de plantas medicinais na atenção básica de saúde, por falta de acesso da população às assistências médicas e o alto custo de medicamentos industrializados, e essa problemática se agravou com a instalação da pandemia causada pelos vírus SARS-COV 2 que leva à doença COVID-19. Com a inserção da fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS) pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, em 2006, assegura-se a utilização de fitoterápicos pela rede pública de saúde, visando à manutenção, promoção e prevenção da saúde e contribuindo para o fortalecimento dos princípios do SUS (GONÇALVES; VILA.; GERENUTTI, 2013).

A utilização das plantas medicinais tem sido discutida por diversos profissionais da área clínica, pois, apesar de seu uso tradicional e seguro na medicina popular, está sendo cada dia mais aceito por diversas categorias de profissionais de saúde no Brasil como uma linha de aplicação prática (CAMARGO; PEREIRA, 2013).

A utilização de plantas medicinais em atendimentos à população deve estar vinculada ao conhecimento prévio do profissional de saúde referente ao tratamento. Diferentes profissionais procuram alternativas mais naturais, com efeitos benéficos, em busca da melhor qualidade da vida de seus pacientes (BRASIL, 2005).

A utilização das plantas medicinais através da fitoterapia oferece caminhos alternativos às terapias tradicionais, focando a natureza como objeto de escolha para a melhoria da saúde global dos pacientes. O medicamento fitoterápico, cuja eficácia e qualidade são comprovadas cientificamente junto ao órgão federal competente, por ocasião do registro, em que há uma identificação botânica, uma caracterização química e bibliografia consultada, vem como mais uma ferramenta no tratamento de saúde (PRADO *et al.*, 2010).

Este trabalho teve como objetivo avaliar o perfil dos consumidores de plantas medicinais na pandemia causada pelos vírus SARS-COV 2 que leva à doença COVID-19.

2. MATERIAL E METODOS

A pesquisa foi realizada no município de Botucatu no Estado de São Paulo (a 230 km de cidade de São Paulo), com população de 148.130 pessoas, segundo o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado no ano de 2020 (IBGE, 2021).

Quanto a sua finalidade, o estudo realizado caracterizou-se como pesquisa aplicada, visando gerar soluções potenciais aos problemas. Quanto aos objetivos, a investigação classifica-se como exploratória e descritiva. A análise dos dados teve abordagem qualitativa e quantitativa.

A coleta de dados foi efetuada nos meses de abril e maio de 2021, centrada nos consumidores, por meio de um questionário elaborado no *Google* Formulários enviado pelas redes sociais, para entender o perfil da população consumidora de plantas medicinais. Para o questionário foram elaboradas questões que pudessem fornecer dados para o diagnóstico do perfil dos consumidores de plantas medicinais do município de Botucatu, tais como sexo, faixa etária, renda, nível de conhecimento, obtenção das plantas, se cultiva e com quem aprendeu a utilizar e o consumo na pandemia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio dos resultados do questionário aplicado (Anexo1), observou-se que dos 251 entrevistados, 66,5% (167 pessoas) eram do gênero feminino e 33,5% (84 pessoas) do gênero masculino.

Com relação à faixa etária, 9,2% têm até 20 anos, 20,3% têm de 21 a 30 anos, 24,7% de 31 a 40 anos, 20,3% de 41 a 50 anos, 16,7% de 51 a 60 anos e 8,8% acima de 61 anos. Observou-se que a faixa etária predominante é a de 31 a 40 anos.

A partir das entrevistas, observou-se que 13% dos entrevistados encontram-se na faixa de até 1 salário-mínimo, 25,5% de 1 a 3 salários-mínimos, 22,0% de 3 a 5 salários-mínimos e 39,4% acima de 5 salários-mínimos, evidenciando economia de alta renda entre a maior parte dos entrevistados.

Além disso, 96,4% dos entrevistados moram em meio urbano e 3,6% em meio rural, sendo que 10,4% residem sozinhos, 30,7% com 2 residentes na casa, 30,0% com 3 residentes e 29,0% possuem quatro ou mais residentes.

Referente ao estado civil, 51% dos entrevistados eram casados, 38,6% solteiros, 8,4% divorciados e 2% viúvos, enquanto 93,2% (234 pessoas) afirmaram conhecer as plantas medicinais, mas 6,8% (17 pessoas) não as conhecem.

Foram listadas 24 tipos de plantas medicinais, entre elas açafrão-da-terra (*Curcuma longa*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*), alho (*Allium sativum*), arnica (*Arnica montana*), arruda (*Ruta graveolens*), babosa (*Aloe arborescens* e *Aloe barbadensis*), boldo (*Peunus boldus*), camélia ou chá verde (*Camellia sinensis*), camomila (*Matricaria chamomilla*), canela/caneleira-verdadeira (*Cinnamomum verum*), capim cidreira ou capim limão (*Cymbopogon citratus*), carqueja (*Baccharis trimera*), erva cidreira (*Melissa officinalis*), erva doce ou anis (*Pimpinella anisum*), espinheira santa (*Maytenus ilicifolia*), guaco (*Mikania glomerata*), gengibre (*Zingiber officinale*), hibisco medicinal (*Hibisco sabdariffa l.*), hortelã (*Mentha piperita*), louro (*Laurus nobilis*), manjerição-de-folha-larga (*Ocimum basilicum*), quebra pedra (*Phyllanthus niruri*), salsa (*Petroselinum crispum*) e urucum (*Bixa orellana*).

Entre as plantas medicinais mais conhecidas, as selecionadas na pesquisa foram o alho, o gengibre e a hortelã, destacados em 96% pelos entrevistados, em seguida apareceram o alecrim, babosa e camomila respectivamente, 94%, 94% e 92%.

Com relação às plantas medicinais menos conhecidas, 59% dos entrevistados conhecem as plantas medicinais, embora nunca tenham ouvido sobre a espinheira santa e a carqueja (44%), guaco (43%) e urucum (38%).

Dos 234 entrevistados que conhecem as plantas medicinais, 92% (217 pessoas) destes utilizam-nas, sendo a hortelã e o alho consumidos por 86% dos entrevistados, seguido do gengibre (80%) da camomila (79%).

No que se refere à frequência de consumo das plantas medicinais, dos 215 entrevistados que responderam que utilizam, 30% consomem diariamente, 30% de duas a três vezes por semana, 10% de quatro a seis vezes por semana, 8,3% uma vez por semana, 4,7% uma vez a cada 15 dias, 10% uma a duas vezes por mês e 9,8% outras frequências.

Por meio da pesquisa, verificou-se que 66,1% dos entrevistados adquirem as plantas medicinais nos mercados, 39% nas feiras, 31% na farmácia, 15% nas hortas comunitárias e 20% em outros locais. Destaca-se que 77,2% dos entrevistados realizam cultivo próprio.

Referente à forma de uso das plantas medicinais, 93% dos entrevistados utilizam como chás, 87,4% como temperos, 30% como produto estético, 22,3% em cápsulas e 21% de outras formas.

Com relação à indicação do consumo de plantas medicinais, 74% dos entrevistados receberam a recomendação de parentes, 40% por amigos, 33% de profissionais da saúde, 31% pelas pesquisas na internet e 26% por outros meios.

Os entrevistados consideram 62,3% que o maior benefício da utilização das plantas foi no auxílio da digestão de gases, seguido do alívio nos sintomas de náuseas e enjoos (49,3%), combate à ansiedade e depressão (49,3%) e combate a insônia (46,5%).

Em função da situação de pandemia que o mundo está vivendo, os entrevistados foram questionados se houve alteração do consumo de plantas medicinais desde o início da Covid - 19. Em consideração, 76,7% dos entrevistados informaram que mantiveram o consumo, 17,3% aumentaram o consumo e 6% diminuiram o uso.

As justificativas para o aumento do consumo de plantas medicinais foram o fortalecimento do sistema imunológico, a questão da medicina convencional não fornecer soluções, uso como chá relaxante, o fato do *home office* permitiu maior tempo na cozinha, melhorar qualidade do sono e diminuir ansiedade.

A redução do consumo foi em função da dificuldade de acesso à aquisição das plantas medicinais, aumento da carga de trabalho e redução dos salários no momento em a pesquisa foi aplicada durante a pandemia causada pelos vírus SARS-COV 2.

Entre os entrevistados, 83% responderam que substituiriam os remédios alopáticos por plantas medicinais em caso de indicação médica, o que diverge dos dados obtidos por Viganó *et al.* (2007), em que boa parte dos usuários não receberam qualquer informação dos profissionais de saúde pela falta de profissionais habilitados e com pouco conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais, o que demonstra que na atualidade a importância de profissionais de saúde capacitados e especializados no uso de fitoterápicos para atender adequadamente tais exigências.

4. CONCLUSÃO

Conforme observado nas análises dos dados, em relação à caracterização do perfil dos consumidores de plantas medicinais na cidade de Botucatu-SP, conclui-se que a maioria dos entrevistados é do sexo feminino e são casados. Também foi evidenciado que a maior parte dos entrevistados é das classes economicamente mais elevadas, além de preferencialmente adquirir tais produtos em feiras e farmácias. A forma de uso mais utilizada é através de chás, seguido dos temperos e produtos estéticos.

Os benefícios mais procurados, quando se utiliza as plantas medicinais, são no auxílio da digestão, seguido do alívio nos sintomas de náuseas e enjoos e combate à ansiedade e depressão.

Em função da doença Covid-19, parte dos entrevistados, que aumentaram o consumo das plantas medicinais, buscaram o fortalecimento do sistema imunológico, melhoria da qualidade do sono e diminuição da ansiedade. Além disso, a atividade em *home office* proporcionou maior tempo em casa e na cozinha.

Houve também uma pequena diminuição do consumo, em função da dificuldade de acesso a aquisição das plantas medicinais, aumento da carga de trabalho e redução do salário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Federal dos Nutricionistas - CFN. **Resolução CFN n. 380 de 2005. Sobre a definição das áreas do nutricionista e suas atribuições, estabelece parâmetros numéricos de referência, por área de atuação, e dá outras providências.** Brasília, DF.

CAMARGO, S. de; PEREIRA, V. B. de L. A prática da Fitoterapia pelo Nutricionista – algumas reflexões. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição - RASBRAN**, v. 5, n. 1, p. 69–72, 2013. Disponível em: <https://www.rasbran.com.br/rasbran/article/view/9>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DORTA, E. J. Introdução. In: Escala Rural: especial de plantas medicinais. **São Paulo: Escala Ltda**, vol.4, p. 1-62, 1998.

GONÇALVES, N.M.T.; VILA M.M.D.C.; GERENUTTI, M. Política de saúde para a fitoterapia no Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v.18, n.4, p.632-637, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Cidades e Estados**, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/botucatu.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MARQUES, N. **Nutrição Clínica Funcional: Fitoterapia**. 2ed. São Paulo: Valéria Paschoal Editora, 2014. 272p.

PRADO, C.N. *et al.* O uso de fitoterápicos na obesidade. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v.4, n.19, p.14-21.

TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R.R.B.; CENTA, M.L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto e Contexto Enfermagem**, v.15, n.1, p.115-121, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000100014>

VIGANÓ, J.; VIGANÓ, J.A.; CRUZ-SILVA, C.T. Utilização de plantas medicinais pela população da região urbana de Três Barras do Paraná. **Acta Scientiarum Health Sciences**, v. 29, n. p.51-58, 2007.